

# O humanismo no Papa Francisco

Eugenio Rivas<sup>1</sup>

## Resumo

A nossa proposta é apresentar como a compreensão de humanismo cristão do Papa Francisco se espelha melhor na virtude da esperança, a mais pequena das virtudes e como a partir dessa perspectiva da esperança pequena, mas persistente, Francisco vai tecendo seu magistério marcado pela alegria, pelo apelo ao ser humano a assumir sua responsabilidade na crise socioambiental e por esta mesma responsabilidade a sua possibilidade de trabalhar para revertê-la. Magistério marcado, também, pela confiança absoluta no Espírito de Deus que guia o crente e enche o universo conduzindo, assim, à plenitude toda a criação.

**Palavras-chave:** Humanismo. Humanismo Cristão. Papa Francisco. Esperança.

## Introdução

Acho que Francisco teria preferido um outro título pra o nosso simpósio, no lugar de humanismo em tempos sombrios, Francisco colocaria, Humanismo em tempos luminosos. Esta luminosidade não é fruto de uma leitura ingênua ou entusiasta da realidade, Francisco insiste muitas vezes que a nossa situação é dramática, mas os males devem ser vistos como desafios para crescer. A luminosidade vem da experiência da fé:

o olhar crente é capaz de reconhecer a luz que o Espírito Santo sempre irradia no meio da escuridão, sem esquecer que, «onde abundou o pecado, superabundou a graça» (*Rm* 5, 20). A nossa fé é desafiada a entrever o vinho em que a água pode ser transformada, e a descobrir o trigo que cresce no meio do joio. Cinquenta anos depois do Concílio Vaticano II, apesar de nos entristecerem as misérias do nosso tempo e estarmos longe de optimismos ingênuos, um maior realismo não deve significar menor confiança no Espírito nem menor generosidade (EG, 84).

A luminosidade vem porem da confiança no Espírito que como formulou a GS guia o crente e enche o universo (GS, 11). Francisco retoma o discurso de Joao XXIII na abertura do Concílio onde o papa Roncalli se recusava a concordar com esses profetas de desgraças, bem-intencionados, sem dúvida, que só vem desgraças no horizonte:

---

<sup>1</sup> Jesuíta da Republica Dominicana, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professor do Programa de Graduação e Pós-Graduação em Teologia, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, em Belo Horizonte, MG. É líder do grupo de pesquisa “Fé e contemporaneidade: os impactos da sociedade moderna e pós-moderna sobre a fé cristã”. Pesquisador visitante (Visiting Scholar) em Heythrop College, London University (2016) e em Saint Thomas University, Fredericton, NB, Canadá (2017-2018).

Mais do que como peritos em diagnósticos apocalípticos ou juízes sombrios que se comprazem em detectar qualquer perigo ou desvio, é bom que nos possamos ver como *mensageiros alegres* de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho (EG 168).

Na fidelidade ao evangelho “despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG 11).

### **1 Humanismo: uma palavra quase ausente**

Falar do humanismo do Papa Francisco não pode tomar como ponto de partida a presença do termo no discurso do Papa. De fato, a palavra humanismo aparece duas vezes nesses documentos, por assim dizer, maiores do Papa Francisco.

Na LS aparecem duas palavras, humanismo e humanista. Em ambos os casos se faz apelo a uma corrente de pensamento interdisciplinar e por tanto aberta à inclusão de outros saberes para uma visão mais integral e integradora da realidade (LS, 141) ou como o que faz falta para conferir a sociedade uma orientação nobre e generosa (LS, 181).

Na EG aparece como substrato cristão, reserva moral presente em algumas culturas e povos ocidentais e que seriam a expressão de “autêntico humanismo cristão” (EG, 68). Interessante a modéstia desta afirmação, substrato cristão presente em alguns povos, sobre tudo ocidentais. Interessante porque é a volta a considerar o cristão como fermento e não como massa.

Mas que a palavra humanismo não apareça não quer dizer que Francisco não tenha sua compreensão de humanismo e que esta compreensão possa ser chamada de “humanismo cristão”. No discurso de Francisco esse humanismo se espelha melhor na virtude da esperança, a mais humilde das virtudes ou a virtude dos humildes. A esperança “nos orienta para o futuro, não nos deixa prisioneiros da negatividade” (EG, 159), ela gera história (EG, 181) porque a vida nova do ressuscitado penetrou a trama oculta desta história, uma história que é marcha viva da esperança (EG, 278)

### **2 A história humana como a marcha viva da esperança: pedagogia e mistagogia dos pobres**

O ver de Francisco na LS busca explicitamente comprometer o ser humano num processo de conversão, por isso, depois do olhar sobre a realidade dramática em que se encontra a casa comum, o Papa afirma que não buscava “recolher informações ou

satisfazer nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e... reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS, 19). A preocupação é de poder enxergar o horizonte de esperança que se nos abre. Ainda: quais são os traços da esperança que assoma no horizonte, e quais são seus fundamentos?

Francisco tem falado explicitamente de esperança em duas ocasiões. A primeira está referida na entrevista concedida a Antonio Spadaro. O jesuíta italiano pergunta especificamente: “Devemos ser otimistas? Quais são os sinais de esperança no mundo de hoje? Como conseguir ser otimista num mundo em crise?” - ao que o Papa responde:

Não gosto de usar a palavra “otimismo”, porque indica uma atitude psicológica. Gosto, pelo contrário, de usar a palavra “esperança”, segundo aquilo que se lê no capítulo 11 da *Carta aos Hebreus*, como já citei. Os Pais continuaram a caminhar, atravessando grandes dificuldades. E a esperança não engana, como lemos na *Carta aos Romanos*. Pensa, pelo contrário, no primeiro enigma da ópera *Turandot*, de Puccini... *Na noite escura voa um fantasma / Iluminado. / Sobe e abre as asas / Sobre a negra infinita humanidade. / Todo o mundo o invoca / E todo mundo o implora. / Mas o fantasma desaparece com a Aurora para renascer no / coração. / E cada noite nasce e cada dia morre!* ... Aqui está — continua o Papa — a esperança cristã não é um fantasma e não engana. É uma virtude teologal e, portanto, definitivamente, um presente de Deus que não se pode reduzir ao otimismo, que é apenas humano. Deus não defrauda a esperança, não pode negar-Se a Si mesmo. Deus é toda promessa (SPADARO. 2013).

Com relação à resposta do Papa, faremos duas observações. A primeira consiste na distinção entre otimismo e esperança. Tanto o otimismo como o pessimismo, afirmava Gabriel Marcel, permanecem estritamente inerentes ao eu. O pessimismo é o avesso do otimismo. O otimista e o pessimista experimentam a firme convicção ou vago sentimento de que as coisas ficarão melhores ou piores, existe em ambos uma espécie de “presunção”, um “jactar-se de”, enquanto que a esperança é atravessada por um componente humilde, tímido e casto que não se deixa representar e resiste-se “a entregar seu secreto ao pensamento racional” (2005, p. 47).

A segunda observação consiste em que, como afirmado pelo Papa, a esperança é real, não é um fantasma, está garantida em Deus que não defrauda nem pode se negar a si mesmo. A distância entre um “eu espero” e um “tudo vai dar certo” é abissal; no primeiro caso, o eu participa diretamente, está implicado num certo processo; no segundo caso, mantém-se a distância, quer-se atenuar oposições, a vida é mirada desde fora. É justamente neste sentido que a esperança está inevitavelmente vinculada

à fé: aquele que espera sabe em que tem colocado sua confiança (Cf. 2 Tim 1, 12) e, por isso, desesperar-se seria trair esta confiança.

Contudo, o traço mais característico da esperança é o fato de ser um dom de Deus. Isto significa que a esperança apresenta “esta originalidade soberana de não reivindicar, de não se arrogar direitos” (MARCEL, 2005, p. 67). O dom tem sua própria dinâmica e sua própria gramática, sua própria economia, uma economia estranha, como na parábola dos talentos, ela só cresce na medida em que se dá e na prestação de contas recebemos multiplicado o que devolvemos (Cf. RIVAS, 2014, pp. 328-337). Sendo iniciativa absoluta de Deus, ele vem acrescentar aquilo que não podemos produzir ou adquirir. Sem comprometer sua origem divina, o dom se une secretamente a todas as operações humanas. Ele resiste a toda pretensão de representação discursiva ou racional. O dom não depende do seu conhecimento ou da consciência que dele se possa ter. Ele pertence à ordem do *chamado* “é como se fizesse brotar em nós uma colheita de possíveis, entre os quais teremos que escolher, ou mais exatamente, atualizar aqueles que se acomodam melhor à petição que nos tem sido dirigida desde dentro” (MARCEL, 2005, p. 74).

O ser humano sempre tem suficiente luz para corresponder e assentir a esse chamado, para assumir uma atitude de submissão e hospitalidade, e no claro-escuro de sua decisão está garantida a liberdade e a generosidade de sua ação. Esta generosidade “passa, paradoxalmente, pela prova de receber tudo, uma arte muito mais difícil que a arte de dar porque receber implica o sacrifício de si mesmo, condição *sine qua non* para acolher o dom” (RIVAS, 2014, p. 334).

Do ponto de vista da espiritualidade, afirma Francisco, a gratidão e a gratuidade são atitudes necessárias para uma conversão ecológica individual e comunitária. Esta conversão implica “um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai, que conseqüentemente provoca disposições gratuitas de renúncia e gestos generosos, mesmo que ninguém os veja nem agradeça” (LS, 220).

Numa outra ocasião, falando espontaneamente com jovens, o Papa foi perguntado sobre a esperança, mais especificamente sobre a perda da esperança em muitos jovens. Uma jovem pediu-lhe ajuda para entender melhor a convicção de que Deus nunca nos abandona. A resposta do Papa é longa e se pode encontrar no site do

Vaticano, mas o que afirma basicamente é isto: Faz um chamado: “Não deixeis que vos roubem a esperança!”. Na EG, 87, esta expressão aparece ligada ao pessimismo estéril e onde somos lembrados do sentido evangélico da eficácia e da fecundidade de nossas ações: “o triunfo cristão é sempre uma cruz” (EG, 85). Alias, o Papa está preocupado por vários roubos: “a alegria da evangelização” (EG, 83); “A comunidade” (EG, 92); “O evangelho” (EG, 97), contra o mundanismo espiritual; “o ideal fraterno” (EG, 101), contra as divisões e os “cismas silenciosos” entre nós; “A força missionária” (EG, 109) contra o engessamento de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual” (EG, 108).

Além de afirmar a esperança como dom, com todas implicações que a economia do dom comporta, a chave de leitura da esperança que Francisco propõe está em relação direta com a presença de Deus. “Só existe uma coisa da qual estou convicto; estou persuadido disto, mas nem sempre consigo senti-lo: estou certo de que Deus caminha com o seu povo. Deus nunca abandona o seu povo. Ele é o Pastor do seu povo” (PAPA FRANCISCO, 2015).

Formado na escola do Exercícios Espirituais (EE.EE), Francisco insiste na experiência fundamental da fé - muito mais evidente na experiência do povo simples - de que Deus nunca nos abandona. Na *sétima regra de discernimento dos espíritos*, Santo Inácio propõe ao exercitante que está em desolação que considere como o Senhor o deixou nesta prova para que resista às tentações do inimigo com suas *potencias* naturais. Todavia, Santo Inácio deixa claro que esta resistência só é possível “pelo auxílio divino, que nunca lhe falta, embora não seja sentido claramente” (EE.EE, 320).

A certeza da itinerância de Deus com o seu povo não pode ser explicada. Uma vez mais, a esperança resiste a ser reduzida a seu núcleo inteligível, mas, aqui, a crítica objetiva não tem poder, pois tal certeza não se traduz “na linguagem da previsão ou do juízo de probabilidade” (MARCEL, 2005, p. 77). Esta certeza tem mais a característica “de um pensamento amante que rejeita ou que transcende o fato; e parece que tem algo absurdo ou inclusive escandaloso ao objetar o direito de esperar, isto é, amar contra toda esperança” (IBIDEM). O coração amante de que fala Gabriel Marcel é o *coração humilde* de Francisco, onde a “esperança persiste”, e, por esta razão, ela é a

virtude humilde dos humildes, eles são os que mantêm viva a esperança, uma esperança pequena, promessa pequena de um broto sem a qual tudo seria um cemitério (Cf. PÉGUY, 1948, pp. 315-317).

Embora a palavra esperança só apareça umas cinco vezes na LS, todo o documento está perpassado por esta perspectiva da esperança que persiste dando vida. A convicção de que “sabemos que as coisas podem mudar” é, antes de mais, fruto da experiência da absoluta presença de Deus: “No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama. Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!” (LS, 245). Em razão disso, o ser humano pode reverter a crise, já que ele mesmo é responsável por ela: “Como foi criado para amar, no meio dos seus limites germinam inevitavelmente gestos de generosidade, solidariedade e desvelo” (LS, 58).

Francisco insiste na necessidade de uma correta antropologia, exigir do ser humano responsabilidade significa, ao mesmo tempo, reconhecer-lhe lugar especial dentro da ordem da criação. O fato de a humanidade ser responsável pela crise denota que ela tem perdido de vista seu lugar no mundo, o valor das coisas e tem frustrado as expectativas divinas, mas esta mesma humanidade pode ainda reverter este processo de morte. A convicção do Papa é de existe uma humanidade autêntica capaz de orientar a técnica ao serviço de um progresso integral. Esta humanidade, como a cidade de Deus agostiniana, afirma o Papa: “parece habitar no meio da civilização tecnológica de forma quase imperceptível, como a neblina que filtra por baixo da porta fechada. Será uma promessa permanente que, apesar de tudo, desabrocha como uma obstinada resistência daquilo que é autêntico?” (LS, 112).

A esperança repousa nesta humanidade que, a dizer a verdade, está presente em todos os homens e mulheres. Para Francisco, o ser humano, como tudo o que existe, conserva o sopro incorruptível de Deus (Sb 12, 1) a partir do qual pode retomar sua autêntica humanidade, retomada necessária para instaurar novas relações: “Não haverá uma nova relação com a natureza sem um ser humano novo” (LS, 118).

Nesta perspectiva se situa o chamado ao diálogo com toda a família humana. Os seres humanos vivem o dilema de saber que “o progresso da ciência e da técnica

não equivale ao progresso da humanidade e da história... Apesar disso, não se imaginam renunciando às possibilidades que oferece a tecnologia” (LS, 113). Francisco não propõe uma volta à “Idade da Pedra”, mas reconhece a urgência de uma “corajosa revolução cultural” (LS, 114) fundamentada nesta humanidade autêntica com capacidade de ser “o agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual” (LS, 127).

Sabemos que as coisas podem mudar, “basta um homem bom para haver esperança!” (LS, 71). A esperança de Francisco, como seu próprio pontificado é discreta (Cf. NAVARRO, 2014, p. 123). Não duvida em sublinhar as pequenas ações que fazem a diferença e que podem ser consideradas como verdadeiras iniciativas já inscritas num estilo de vida e numa espiritualidade que resistem ao avanço do paradigma tecnocrático:

De fato, verifica-se a libertação do paradigma tecnocrático nalgumas ocasiões. Por exemplo, quando comunidades de pequenos produtores optam por sistemas de produção menos poluentes, defendendo um modelo não-consumista de vida, alegria e convivência. Ou quando a técnica tem em vista prioritariamente resolver os problemas concretos dos outros, com o compromisso de os ajudar a viver com mais dignidade e menor sofrimento. E ainda quando a busca criadora do belo e a sua contemplação conseguem superar o poder objetivador numa espécie de salvação que acontece na beleza e na pessoa que a contempla (LS, 112).

As pequenas ações são capazes de mudar o mundo, elas “espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente” (LS, 212). A lógica da sobriedade, do “quanto menos, tanto mais”, do pequeno caminho do amor, dos simples gestos quotidianos, da cultura do cuidado mútuo é o caminho para quebrar “a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” (LS, 230). A lógica do pequeno percorre o caminho da humanidade autêntica, e na experiência crente persiste um Deus que é toda promessa. O que Deus promete é “que nada autêntico deixa de ter fecundidade histórica, embora não tenha sucesso” (TRIGO, 2016, p. 7). “O triunfo cristão é sempre uma cruz” (EG, 85). Nesta lógica os pobres são mestres:

É louvável a ecologia humana que os pobres conseguem desenvolver no meio de tantas limitações (LS, 148)... Para os habitantes de bairros periféricos muito precários, a experiência diária de passar da superlotação ao anonimato social, que se vive nas grandes cidades, pode provocar uma sensação de desenraizamento que favorece comportamentos antissociais e violência. Todavia, tenho a peito reiterar que o amor é mais forte. Muitas pessoas, nestas condições, são capazes de tecer laços de pertença e

convivência que transformam a superlotação numa experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo. Esta experiência de salvação comunitária é o que muitas vezes suscita reações criativas para melhorar um edifício ou um bairro (LS, 149).

Os pobres, movidos por sua esperança, transformam misteriosamente espaços de morte em experiência de salvação comunitária. Isto se dá porque a esperança “é algo próprio de seres desarmados, é a arma dos desarmados, ou mais exatamente é o contrário de uma arma e nisso reside misteriosamente sua eficácia” (MARCEL, 1935, p. 110).

A gravidade da crise e o poder humano de destruir-se a si mesmo e a todas as criaturas nos obrigam a um diálogo situado na perspectiva do bem comum, visto que ele é a condição a proporcionar às sociedades o desenvolvimento mais pleno e mais fácil de seus membros (LS, 156). Não é negócio social perder de vista o comum (LS, 128). O bem comum mantém sempre na mira os objetivos, o contexto e as limitações éticas do desenvolvimento humano; não obstaculiza as potencialidades do artista, mas obriga a considerar toda a dinâmica do progresso independentemente dos interesses econômicos, incentivando a pesquisa e procurando o debate, a informação e a honradez de chamar as coisas pelo nome sem se atrelar aos interesses ideológicos, econômicos, políticos e religiosos (LS, 135).

A perspectiva do bem comum exige um respeito prudente e razoável aos ritmos da natureza, “a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder” (LS, 136). Como princípio unificador da ética social, o bem comum tem que ser defendido e promovido. Esta defesa e promoção implica o respeito à pessoa humana como tal, a busca das condições que permitem seu desenvolvimento integral, a justiça distributiva e, o mais urgente, “um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (LS, 158). Ao lado das catástrofes naturais coexiste uma grande catástrofe social (LS, 204).

Francisco convida a dialogar não só com as pessoas de boa vontade, mas com toda pessoa que habita no planeta, trata-se de um humanismo planetário; seu desejo é de unir toda a família humana num diálogo sincero:

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projeto



de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum (LS, 13).

A presença e a proximidade do Deus criador são o fundamento das possibilidades que se abrem para a humanidade no seu compromisso e responsabilidade de curar as feridas infligidas por ela mesma à criação de Deus: “A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas” (LS, 61). Francisco não simplesmente constata que sempre podemos fazer alguma coisa movidos pela nossa esperança, mas oferece um elenco de iniciativas possíveis em âmbitos local e nacional, tais como poupança de energia, gestão do transporte, técnicas de construção, reciclagem, agricultura diversificada, proteção de algumas espécies, etc., para concluir que não meramente “há sempre muito que fazer”, mas que “É tanto o que se pode fazer!” (LS, 180).

### **Conclusão**

Neste apelo urgente a toda a família humana para entrar num caminho de conversão ecológica - apelo a escutar o grito da terra e dos pobres - somos convidados a olhar para os pobres, “a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG, 198). Os pobres, através de suas vidas e testemunhos são pedagogos ou, mais precisamente, mistagogos da esperança.

O convite de Francisco é a descobrir e transmitir a mística do cristianismo como humanismo autêntico e radical, Rahner chamava a atenção sobre a necessidade de distinguir cristianismo e humanismo cristão, o humanismo cristão é o modo concreto como o cristão vive seu cristianismo, mas o cristianismo não é um humanismo cristão, ele é a afirmação de um humanismo sempre novo e neste sentido todo humanismo concreto é sempre superável, por esta razão, o cristianismo é a condenação de todo humanismo concreto, incluído o cristão, que se erige em absoluto e que por tanto se fecha na imanência bloqueando o caminho ao futuro sempre novo (Cf. RAHNER, 1970, p. 57-60):

a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada... Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudessemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo

para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos (EG, 87).

### Referencias bibliográficas

- MARCEL, Gabriel. *Être et Avoir*. Paris: Aubier, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Homo Viator*. Salamanca: Sígueme, 2005.
- NAVARRO, Jesús Arturo. “El papado de Francisco desde la esperanza discreta”. *El Cotidiano* 2014, (Mayo-Junio). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32530725008>. Acesso em: 24 fev 2019.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si’. Sobre o cuidado da casa comum*. Disponível em: <https://w2.vatican.va>. Acesso em: 02 fev 2019.
- \_\_\_\_\_. Encontro do Papa Francisco com as Comunidades de Vida cristã (cvx) - liga missionária de estudantes da Itália. *Sala Paulo VI*, 30 de Abril de 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va>. Acesso em: 10 fev 2019.
- \_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Eevangelii Gaudium. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. Disponível em: <https://w2.vatican.va>. Acesso em: 02 fev 2019.
- PÉGUY, Charles. *Oeuvres Poétiques complètes*. Paris: Gallimard, 1948.
- RAHNER, K. Humanisme Chrétien. In: *Ecrits théologiques v. X. Monde moderne et théologie*. Paris: Desclée Brouwer, 1970, p. 49-68.
- RIVAS, Eugenio. *La escatología como comunión. Una propuesta desde la perspectiva metafísica de Maurice Blondel*. Roma: Eiditrice Pontificia Università Gregoriana, 2014.
- SANTO INACIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2002.
- SPADARO, Antonio. “Entrevista ao Papa Francisco”, 2013. Disponível em: <https://w2.vatican.va>. Acesso em: 12 fev 2019.
- TRIGO, Pedro. “La esperanza en América Latina a 50 años del Concilio”. 2016. Disponível em: <http://www.ucasal.edu.ar/archivos/teologia/PTRIGO-LaesperanzaenAmericaLatina.pdf>. Acesso em: 10 de fev 2019.